

## Dossiê

### **Análise de adolescentes: imersões clínicas no reino da elasticidade da técnica**

**Cassandra Pereira França**

**Resumo.** O artigo apresenta uma trajetória de descoberta da riqueza das ideias ferenczianas: partindo de uma questão de manejo técnico da “identificação com o agressor” na clínica com crianças vítimas de abuso sexual, a autora se deparou com as visionárias ideias de Sándor Ferenczi em prol de uma flexibilidade na técnica analítica, com a finalidade de driblar a resistência de alguns pacientes ao método analítico ortodoxo. Tal proposta, mesmo não tendo sido estudada ou seguida pelas instituições psicanalíticas, serve, perfeitamente, para descrever o manejo da técnica analítica com adolescentes na contemporaneidade – tanto na renúncia à estrita observância da regra fundamental da associação livre, quanto na necessária disponibilidade do analista para conviver seja com o silêncio como modo de resistência do paciente, seja com suas atuações (*acting out*). Ao estímulo dado por Ferenczi aos analistas para prestarem atenção à força da resistência dos clientes e aos sentimentos mobilizados pela contratransferência, podem somar-se as prescrições acerca da confiança na franqueza e na sinceridade do analista diante das atitudes desconfiadas e antipáticas do paciente – recomendações que se encaixam, como uma luva, no campo minado em que se constitui o *setting* analítico com adolescentes, conforme será ilustrado por fragmentos de um caso clínico.

**Palavras-chave:** identificação com o agressor; abuso sexual; adolescente; elasticidade da técnica; contratransferência

### **Análisis de adolescentes: inmersiones clínicas en el reino de la elasticidad de la técnica**

**Resumen.** El presente artículo presenta una trayectoria de descubrimiento de la riqueza de las ideas ferenczianas: partiendo de una cuestión de manejo técnico de la “identificación con el agresor” en la clínica con niños y niñas víctimas de abuso sexual, la autora se deparó con las visionarias ideas de Sándor Ferenczi en pro de una flexibilidad en la técnica analítica, con la finalidad de driblar la resistencia de algunos pacientes al método analítico ortodoxo. Tal propuesta — aunque no haya sido estudiada o seguida por las instituciones psicoanalíticas — sirve, perfectamente, para describir el manejo de la técnica analítica con adolescentes en la contemporaneidad, tanto en la renuncia a la estricta observancia de la regla fundamental de la asociación libre, cuanto en la necesaria disponibilidad del analista para convivir sea con el silencio como modelo de resistencia del paciente o con sus actuaciones (*acting out*). Al estímulo dado por Ferenczi a los analistas para que presten

---

1. Professora Doutora em Psicologia da Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, MG, Brasil.  
E-mail: [casabdrapfranca@gmail.com](mailto:casabdrapfranca@gmail.com)

atención a la fuerza de la resistencia de los clientes y a los sentimientos movilizados por la contratransferencia, pueden sumarse las prescripciones acerca de la confianza en la franqueza y en la sinceridad del analista delante de las actitudes desconfiadas y antipáticas del paciente — recomendaciones que se encajan, como un guante, en el campo minado en que se constituye el *setting* analítico con adolescentes, conforme se ilustrará por fragmentos de un caso clínico.

**Palabras clave:** identificación con el agresor; abuso sexual; adolescente; elasticidad de la técnica; contratransferencia.

## **Analysis of adolescents: clinical immersions in the realm of elasticity of the technique**

**Abstract.** The article presents a trajectory of discovery of the richness of the Ferenczian ideas: starting from a question of technical management of the “identification with the aggressor” in the clinic with children victims of sexual abuse, the author came across the visionary ideas of Sándor Ferenczi in favor of a flexibility in the analytical technique, in order to overcome the resistance of some patients to the orthodox analytical method. Such a proposal, even though it has not been studied or followed by psychoanalytic institutions, perfectly serves to describe the management of analytic technique with adolescents in the contemporary world – both in renouncing the strict observance of the fundamental rule of free association and in the analyst’s necessary availability to live with silence as a way of resistance of the patient, or with their acting out. Ferenczi’s stimulus to analysts to pay attention to the strength of client resistance and the feelings mobilized by counter-transference may add to the prescriptions about trust in the frankness and sincerity of the analyst of the patient’s suspicious and unfriendly attitudes. As will be illustrated by fragments of a clinical case, the author’s recommendations fit perfectly in the minefield in which the analytical setting with adolescents is constituted.

**Keywords:** identification with the aggressor; sexual abuse; adolescent; elasticity of the technique; countertransference.

Como sabem, a psicanálise originou-se como método de tratamento; ela o desenvolveu muito, mas não abandonou seu chão de origem e ainda está vinculada ao seu contato com os pacientes para aumentar sua profundidade e se desenvolver mais. (Freud, 1932/1980, pp. 145-146).

Apesar de sempre ter nutrido muita simpatia por Sándor Ferenczi e, mesmo, de ter cultivado uma certa gratidão por ele ter “gestado” a analista Melanie Klein (autora que escolhi para ser uma interlocutora constante em meu exercício profissional) e, assim, ter influenciado um estilo de escuta analítica interessado pelo mundo dos afetos, a minha leitura direta dos textos ferenczianos só veio a ocorrer de modo tardio em meu percurso na psicanálise – quando implantei um trabalho institucional de atendimento a crianças e adolescentes vítimas de abuso sexual<sup>1</sup>. Contudo, apesar de lamentar o tempo que passei ao largo de seus textos, até acho que essa é a maneira ideal de nos aproximarmos de um autor: com a sede de quem tem impasses clínicos a tal ponto desafiadores que chegam a levar-nos a uma imersão na literatura, na busca, ansiosa de alguém com quem possamos ter um diálogo teórico/técnico. Pois bem, essa era a minha condição. Buscava uma via de compreensão que nos pudesse ajudar a fazer intervenções nos inúmeros casos em que eram nítidos os processos psíquicos de “identificação com o agressor” em nossa clínica/escola, e que nos deixavam alarmados diante do risco de que esse mecanismo introjetivo aumentasse, exponencialmente, a cadeia de

---

<sup>1</sup> Em 2005, implantei, no Departamento de Psicologia da UFMG o projeto de pesquisa e extensão voltado para crianças e adolescentes vítimas de abuso sexual – CAVAS/UFMG. Atualmente, seu quadro técnico conta com doutores, mestres, psicólogos e estudantes de Psicologia da Instituição.

crianças e adolescentes tornados abusadores. Era possível observar como nossos pacientes vítimas de violência sexual, ao tentarem inverter passividade em atividade, identificavam-se com a onipotência do abusador e, pela via da atuação e repetição compulsiva, buscavam anular suas experiências traumáticas (que carregavam em si a marca da pulsão de morte), ao fazerem com os irmãos e primos menores exatamente aquilo que lhes havia sido feito.

A temática que nos preocupava logo nos remetia ao conhecimento de que Anna Freud (1936) havia isolado e descrito a “identificação com o agressor” como um importante mecanismo de defesa na constituição do superego capaz de fazer com que o sujeito, frente a uma ameaça, crítica ou agressão física, especialmente vinda de uma autoridade superior, invertesse os papéis e, assumindo a responsabilidade pela agressão, introjetasse o agressor e passasse a imitá-lo, projetando em alguém a imagem da pessoa agredida. No entanto, buscávamos um autor que correlacionasse, diretamente, o uso desse mecanismo de defesa com casos de abuso sexual. Foi quando nos deparamos com o mais famoso texto de Ferenczi: *Confusão de línguas entre os adultos e a criança: a linguagem da ternura e da paixão* (1932/2011). A identidade com as ideias então expostas foi imediata, uma vez que ele abre o texto tocando em uma das maiores chagas dos psicanalistas: a vergonha em assumir as dificuldades ou erros no manejo da técnica analítica – constatação fácil de ser verificada no campo das produções clínicas, onde predominam, absolutamente, a publicização dos casos de sucesso profissional –, o que acaba deixando os leitores com a sensação de que apenas os iniciantes no ofício correm o risco de cometer erros. Propaganda enganosa, pois sabemos muito bem que, independentemente da quilometragem rodada na clínica, todos nós podemos errar e, o que é pior, muitas vezes, sem sequer compreendermos porque o fizemos.

É interessante lembrar que Freud, a despeito de toda a vaidade acerca do seu potencial intelectual, se permitia documentar seus impasses clínicos, convidando os leitores a acompanhar, inclusive, os efeitos das intervenções efetuadas. Mas, infelizmente, o exemplo dado parece ter servido mais àqueles que conviveram diretamente com Freud, ou seja, aos analistas da primeira geração e que registraram em *papers*, detalhadamente, seus apuros na clínica. Entretanto, como bem sabemos, com o passar do tempo, acabou predominando na psicanálise a prática da publicação de vinhetas clínicas, mesmo que estas incorram no risco de não mostrar “certos fracassos ou resultados terapêuticos incompletos” (Ferenczi, 1932/2011, p. 111), ou, ainda, de não alcançarem a clareza necessária para se compreender a complexidade teórica que subjaz ao material apresentado<sup>2</sup>.

### **Fazendo do limão uma limonada...**

Atento ao fato de que os pacientes raramente criam coragem para contradizer o analista e/ou apontar seus erros, Ferenczi sugeriu, em *Confusão de línguas entre os adultos e a criança: a linguagem da ternura e da paixão* (1932/2011), que caberia ao profissional adivinhar as críticas recalçadas ou reprimidas, uma vez que por parte dos pacientes o que costumava acontecer era uma identificação com o analista, mesmo que este, com seus erros, pudesse até ser associado à figura de um algoz. Ao ler essa passagem do texto, fiquei encantada com algo que, apesar de parecer óbvio, não tinha ainda sido esclarecido: a

---

<sup>2</sup> Tenho em mente que esta opção por vinhetas foi um dos efeitos da saturação produzida, principalmente pela escola kleiniana, de excessiva apresentação de material clínico sem a necessária densidade de discussão teórica.

possibilidade de que, por trás do amor de transferência e da submissão total ao analista, poderia estar instalada uma repetição do trauma e um “desejo nostálgico de libertação desse amor opressivo” (Ferenczi, 1932/2011, p. 104). Só para contextualizar a importância dessa dedução genial de Ferenczi, vale lembrar quão frequente é, na literatura específica<sup>3</sup>, o registro de que muitas mães de crianças vítimas de abuso sexual costumam postar-se diante dos profissionais da saúde e do direito num tal estado de *belle indifference* que suas atitudes passam a ser vistas como mais uma prova de sua negligência com os filhos, situação que muitas vezes leva à decisão judicial de perda da guarda dos mesmos. Entretanto, nesses casos nem sempre é disso que se trata, pois, na verdade, a reação da mãe pode ser um puro efeito da vivência angustiante diante do relato pelo filho(a) do abuso sexual sofrido, e que costuma ser a via régia de ligação dos próprios conteúdos traumáticos que careciam de representação no sistema pré-consciente/consciente.

Assim sendo, a tal assertiva ferencziana passou a fazer com que a minha angústia diante do fenômeno da “identificação com o agressor” perdesse força, quer fosse porque como acabei de expor, ajudava a entender a submissão das mães aos homens que tinham o perfil psicológico parecido com o de seus abusadores, ou, ainda, porque justificava a apatia delas diante dos atores das políticas públicas que as interpelavam. Entretanto, o mais importante era ter percebido que o fenômeno poderia vir a ser uma baliza, um poderoso alarme que, soando em alto e bom som, poderia não só nos dar pistas da veracidade dos fatos ocorridos, mas, também, iluminar a avaliação do desenvolvimento dos processos de elaboração traumática nas crianças em tratamento. Desse modo, uma vez firmado o laço transferencial com o analista, bastava esperar que o espaço lúdico da análise cumprisse a sua sina e instalasse a possibilidade de reapresentação de cenários imaginários em que as marcas traumáticas, por sua condição de não inscrição no aparelho psíquico como traço mnêmico, buscassem caminhos de expressão que, com a ajuda do analista, pudessem dar forma e palavra aos conteúdos que jaziam no registro perceptivo/sensorio. Essa é uma das grandes utilidades da análise na infância: abrir espaço para que, através das dramatizações, as imagens psíquicas de grande intensidade (imagens visuais, auditivas, olfativas e cinestésicas) encontrem uma primeira forma de “ligação”. Dentro da temática que ora tratamos, é fundamental que recuperemos as ideias kleinianas (espalhadas em vários pontos de sua obra) de que a análise infantil é uma medida profilática que, ao permitir à criança pequena dar vazão a suas fantasias sádicas, diminui sobremaneira as futuras tendências perversas. Isto posto, restava a questão: poderíamos, então, imaginar que o enquadre analítico, ao dar contenção ao extravasamento do potencial mortífero contido nas projeções advindas dos restos traumáticos, poderia ajudar na reconstrução de um Ego em frangalhos, devido às múltiplas clivagens com que teve de se haver, para sustentar a radicalidade da intrusão do outro em seu corpo e em sua alma? Hoje, bem sei, que ter me agarrado a essa possibilidade foi o que me fez prosseguir com todos os desafios colocados pelo projeto social que coordeno.

Pronto, Ferenczi estava dialogando comigo, ajudando-me a pensar nas orientações que eu daria nos seminários clínicos, nas supervisões, fortalecendo a minha postura diante de assistentes sociais, advogados e promotores que querem saber, imediatamente, se o abuso sexual aconteceu ou não. Diante deles, sempre nos resta a opção de reasssegurar, peremptoriamente, que essa resposta só virá com o tempo e somente se conseguirmos construir uma relação terapêutica confiável. Aliás, “confiança” é a palavra de ordem na

---

<sup>3</sup> Sugiro a leitura do texto “O *non sense* de algumas mães: ressonâncias das ansiedades arcaicas” (2014), de minha autoria com Danielle Pereira Matos.

proposta ferencziana, pois ele incentivava, a um só tempo, os adultos a acreditarem no relato dos adolescentes sobre o abuso sexual (mostrando como o desmentido pode ser até mais traumático do que a própria vivência abusiva), quanto os analistas a serem capazes de admitir seus erros e autorizar as críticas vindas do paciente. Afinal, “admitir um erro valia ao analista a confiança do analisando” (Ferenczi, 1932/2011, p. 114), e essa confiança seria aquilo que “estabelece o contraste entre o presente e um passado insuportável e traumatogênico. Esse contraste é indispensável para que o passado seja reavivado, não enquanto reprodução alucinatória, mas como lembrança objetiva” (Ferenczi, 1932/2011, p. 115).

#### **“Boto fé!”<sup>4</sup>: buscando respostas para outro impasse clínico desafiador**

A essa altura, eu lamentava a injustiça que sofrera Ferenczi na história da psicanálise pela maledicência de Ernest Jones (seu ex-analisando) que no único livro que escreveu (*Vida e obra de Sigmund Freud*, vol. III), fez questão de caluniar sua pessoa, associando sua imagem à de um louco – o que trouxe como consequência a difamação das ideias de Ferenczi por tantas gerações. Jones aproveitou-se do silêncio que irrompeu, entre Ferenczi e o pai da psicanálise, nos anos 1932-1933, graças ao polêmico artigo *Confusão de línguas*. O descontentamento de Freud com esse escrito deveu-se ao destaque dado à sua antiga teoria da sedução e também ao manejo técnico ali esboçado que deixava vislumbrar a quantas léguas de distância andava a autonomia intelectual e clínica de Ferenczi, em comparação com a psicanálise ortodoxa. Freud pediu-lhe, então que não apresentasse esse texto no Congresso Internacional de Psicanálise (que seria sediado em *Wiesbaden*). Mas Ferenczi, apesar de desapontado com a censura freudiana, deu de ombros, e não só leu o texto no evento, quanto também o publicou no *International Zeitschrift*, reabrindo a discussão sobre os inúmeros relatos de lembranças dos pacientes adultos. Nesse ponto, devemos agradecer por ele ter sido tenaz, afinal, esse texto é uma prova cabal de sua sensatez, ternura e coragem, utilizadas para dar seu testemunho sobre um assunto que, com o passar das décadas, seria completamente comprovado: a alta incidência do abuso sexual na infância é um dos fatores mais comprometedores da saúde mental da população infantojuvenil.

Entretanto, por ironia do destino, justo quem não temeu denunciar o risco do que poderia advir da arrogância narcísica dos analistas, motivada pela insuficiência de seu processo de análise ou, ainda, pela hipocrisia profissional muitas vezes reinante e insuflada pela própria instituição psicanalítica a que pertencesse<sup>5</sup>, Ferenczi foi o escolhido para se tornar uma vítima histórica. Apesar de sempre ter recebido de Freud provas da confiança e lealdade nele depositadas enquanto “parceiro predileto”, “foi a partir da publicação de seu *Diário clínico* na França, por Judith Dupont, organizado inicialmente por Michael Bálint, e da correspondência

---

<sup>4</sup> Essa expressão coloquial é uma homenagem aos jovens graduandos do curso de Psicologia, que usam essa gíria como uma forma de expressão de concordância em gênero e grau com aquilo que está sendo proposto. E se a emprego aqui, em um texto acadêmico, é porque tendo feito a convocação de que estudem a obra de Sándor Ferenczi, confesso que tenho um grande prazer quando, após a leitura de alguns desses textos, eles reúnem a impressão que tiveram com um sintético e sincero: “Boto fé!” Fico feliz porque acho que Ferenczi escreveu para todos aqueles que, como os jovens, têm a ousadia de questionar a mesmice e de tentar reinventar uma prática – nesse caso, a de encontrar caminhos para acessar, analiticamente, os pacientes difíceis. Se sua obra foi valorizada tardiamente, cabe a nós, professores universitários, fazer com que ela germine o mais rapidamente possível dentre os futuros analistas.

<sup>5</sup> Sugiro aos leitores que leiam mais sobre outros efeitos da arrogância narcísica dos analistas nas instituições psicanalíticas no interessante artigo de Kupermann, D. (1999) “Da institucionalização do mal-estar ao mau humor instituído” e o de Fuks, B. (1992) “Uma ferida narcísica: as instituições psicanalíticas e suas funções sintomáticas”.

com Freud que a obra de Ferenczi começou a levantar interesse parcial da comunidade psicanalítica” (Kahtuni & Sanches, 2009, p. 15-16). No Brasil, a virada da década de 1980/1990 foi marcada pelo surgimento de artigos em diversos periódicos que evidenciavam o interesse dos psicanalistas pelos textos de Ferenczi, originalmente escritos em húngaro e alemão, e traduzidos para o português nas *Obras Completas de Sándor Ferenczi*, publicadas pela editora Martins Fontes, respectivamente, em 1991 o volume I; em 1992, os volumes II e IV; e, em 1993, o volume III.

Assim que tive acesso aos seus livros, chamou-me a atenção principalmente os artigos que traziam reflexões clínicas como, por exemplo, o artigo *A técnica psicanalítica* (1918/2011), que prescreve a possibilidade de renúncia à estrita observância da “regra fundamental” da associação livre, e a necessária disponibilidade do analista para conviver seja com o silêncio (como modo de resistência do paciente), seja com as suas atuações (*acting out*) de conteúdos psíquicos. Ao ler este artigo, imediatamente me lembrei de um impasse clínico deveras desafiador: atender adolescentes<sup>6</sup>. O impasse começa pela origem da demanda que, raramente brotando de modo espontâneo por parte deles, introduz no *setting* um paciente sem paciência, sem vontade de associar livremente e desconfiado de que o analista não passa de um agente contratado pelos pais para arrancar-lhe segredos – e, exatamente por isso, deve postar-se com a resistência de um prisioneiro político. Diante dessa postura, resta ao analista sair do seu lugar confortável de esperar as associações livres e tentar entabular uma conversa com quem não está nem um pouco a fim de tal propósito; isso porque sabe muito bem que, se ficar em silêncio, jogará o adolescente no pior dos mundos: afinal, o silêncio é da ordem do insuportável e pode romper a precária barreira que contém uma angústia muito intensa.

Todos que atendem clientes nessa faixa etária sabem quão desesperador é ter de ficar alguns meses, até que se estabeleça um vínculo terapêutico confiável, “conversando fiado” sobre assuntos demasiadamente supérfluos e triviais e que sequer têm relevância para o adolescente. Mas é apenas isso que a resistência permite. E mesmo cientes desse ritual de tolerância à frustração que cada adolescente parece nos impor (invertendo a fantasia da tortura com o prisioneiro político), somos tomados, invariavelmente, por uma sensação de que nada estamos fazendo e que nem mereceríamos receber os nossos honorários. Uma verdadeira queda de braços, em que, apesar de não desistirmos diante das evidências de falas constrangedoras que anunciam que você e/ou o horário da sessão atrapalham quer seja as atividades escolares ou a continuidade de uma série que se estava seguindo pela internet, irá nos sair caro demais, levando-nos a reviver situações de rejeição, sentimentos de inadequação e exclusão.

Retomando a nossa conversa com Ferenczi no artigo *A técnica psicanalítica* (1918/2011), vemos que ele reassegura que nesses casos o analista deve conseguir dosar a sua simpatia e, interiormente, jamais abandonar seus afetos, uma vez que um controle insuficiente da contratransferência pode levar à interrupção do tratamento. Afinal, é de suma importância que o analista fique atento para reconhecer e avaliar os sintomas advindos da contratransferência, não resistindo aos mesmos com demasiada ansiedade e sim, aprendendo a ter controle sobre os seus sentimentos em relação ao paciente. Assim, a afinidade imediata entre o que eu aprendera sobre atendimento de adolescentes (em décadas de clínica) e o que ele transmitia

---

<sup>6</sup> E quando falo aqui de adolescentes, não me refiro a adultos jovens em torno dos seus dezessete anos e que costumam ser os mais acessíveis, a ponto de todos gostarem de atendê-los. Refiro-me a adolescentes entre seus onze e quatorze anos, de quem fogem os analistas. Esse “desencontro” é tão habitual que gera nos coordenadores escolares a certeza de que não devem encaminhar adolescentes para psicanalistas, porque a análise nada pode fazer por eles.

com tanta clareza renovou a forte identificação que eu havia tido com o autor desde quando lera *Confusão de línguas*. O desejo de sorver as palavras e os conselhos que estavam registrados quase como se fossem orientações de um supervisor particular e que chegavam aos meus ouvidos um século depois fez com que eu quisesse acompanhar a leitura do assunto em outros textos.

Assim, deparei-me com um artigo escrito dez anos depois, *Elasticidade da técnica psicanalítica* (1927-1928/2011), onde vemos Ferenczi partir do ponto em que Freud deixou o campo livre para outros métodos de trabalho em psicanálise, a par do seu, e colocar em xeque a importância da “equação pessoal” para que o processo analítico tenha êxito. Vemos, nesse momento, a abertura ferencziana para a singularidade do fazer clínico de cada analista, fruto que será da interação de elementos da sua história de vida, da constituição do seu psiquismo, dos efeitos de sua análise pessoal e da sua experiência como analista. Dessa somatória de fatores, surgirá o que ele chamou de “tato psicológico”, ou seja, a capacidade de o analista saber calar-se ou discriminar quando e como comunicar alguma coisa ao analisando, a forma de fazer essa comunicação ou agir diante de uma reação inesperada do paciente. Além de enfatizar a constante atenção à força da resistência, Ferenczi acrescenta recomendações de alto valor sobre o papel inicial do analista que, pacientemente, como um “João-teimoso”, aguardará a instalação da transferência positiva e o devir de uma análise como um processo evolutivo que irá se desenrolar debaixo de seus olhos. Prescrições acerca da confiança na franqueza e na sinceridade do analista diante das atitudes desconfiadas e antipáticas do paciente vão se encaixar, como uma luva, no campo minado em que se constitui o *setting* analítico com adolescentes.

Impressionada ao constatar como as ideias de Sándor Ferenczi em prol de uma flexibilidade na técnica analítica eram visionárias, pois mais pareciam servir para os casos difíceis que enfrentamos hoje na clínica dos pacientes narcísicos e *borderline*<sup>7</sup>, verifiquei que não era difícil compreender a razão pela qual suas ideias haviam sido rechaçadas por muitos: ele, de fato, estava à frente do seu tempo. Se não fosse assim, como entender que esse autor estava respondendo, com percuciência, a tantas aflições advindas do difícil manejo da clínica com adolescentes e que ainda pedem uma teorização nos dias atuais? Diante dessa constatação, apenas pude responder: “Boto fé, *enfant terrible* da psicanálise! Vamos, juntos, fazer uma viagem pelo túnel do tempo, escutando o adolescente mais difícil que eu analisei em minha vida!”

### Comendo pelas beiradas<sup>8</sup>

A fim de iluminar a riqueza e a atualidade impactantes dessas ponderações de Ferenczi, apresentarei, de modo breve, fragmentos de um “caso difícil” (ou caso-limite, conforme passou a ser chamado desde os anos 1970), que pretende ilustrar os apuros e o domínio das reações contratransferenciais necessárias para se levar adiante o delicado manejo técnico para a escuta do inconsciente durante a adolescência.

---

<sup>7</sup> A fim de que o leitor possa acompanhar a transformação que pode ocorrer no enquadre da análise de adolescentes, sugiro o excelente texto de Minerbo, M. (2006), “Espaço e objetos transicionais na análise de adolescentes *borderline*”.

<sup>8</sup> Uso, aqui, essa expressão popular que significa fazer sem que percebam, fazer as coisas devagar, e que define muito bem como vamos construindo o enquadre do *setting* analítico com pré-adolescentes e adolescentes, discretamente, sem que percebam que os estamos conduzindo à regra fundamental da associação livre.

Um adolescente de quatorze anos, com um belo olhar de *James Dean* e andar robotizado, veio parar no consultório por insistência e chantagem de seus pais, que não suportavam mais conviver com o seu nervosismo e mau humor. A mãe compareceu sozinha à primeira entrevista a fim de ficar à vontade para contar os problemas que ele vinha trazendo à família ao fazer questão de dar o contra em tudo, brigar com os irmãos o dia inteiro e atazanar a mãe com perguntas sobre o futuro. Um ano antes daquela data, sua mãe recebera a indicação de meu nome por via da mãe de um cliente, “tão difícil quanto ele”, que eu havia tratado alguns anos antes. Nem sabia ao certo por que demorara tanto a me procurar, mas, aproveitando que ele estava meio impactado com a morte de um rapaz de sua idade, enteado do pai, ela tomou a iniciativa.

Comentou, brevemente, e sem qualquer manifestação afetiva, que o filho, quatro anos antes, havia sofrido um misterioso acidente e ficado em coma por um longo tempo. Na verdade, chegou a ser desenganado pelos médicos, a família até comprou um jazigo. No entanto, ao longo dos meses, ele se recuperou, ficando apenas com diplopia por um tempo e perdendo o ano escolar. Vemos, portanto, que, apesar da frieza com que narrou a história, o tema da morte de um enteado do ex-marido, provavelmente perturbou bastante mãe e filho, a ponto de eles se mobilizarem em busca de uma escuta analítica.

Achei curioso ela ter decidido, sem me consultar, que viria sozinha na primeira entrevista: afinal, nada do que dissera parecia ser segredo para ele, e o conteúdo que ele não “deveria” ouvir (sobre não conseguir fazer amigos ou arrumar namoradas) parece ter sido deixado para uma segunda entrevista. Nesse primeiro contato, o que notei foi um certo desencanto, da parte dela, com aquele “patinho feio” que, mesmo tendo se tornado um lindo cisne, continuava desinteressante, “tal qual seu pai”. Um desencanto marcado desde os primórdios? Um cisne chocado e criado por uma mãe pata? Não dava ainda para saber... mas foi estranha demais a maneira como descreveu o acidente que ele sofrera: algo como se tivesse quebrado uma perna numa aula de futebol. Não foi nada disso, e sim algo muito grave! Uma narrativa fortuita, solta em meio ao fluxo associativo em que ela contava que ele era “inconstante e interrompia tudo que começava”. A que estaria essa mãe se referindo? O que havia quase sido interrompido nesse acidente? A vida? O que ela negava de modo tão veemente, mobilizando defesas maníacas para falar na compra do jazigo de maneira tão fria e distante? Teria sido o acidente consequência de um impulso mortífero do garoto? E, se assim o fosse, por que ele teria chegado a esse ponto aos dez anos de idade? Estava, assim, identificado o ponto nodal de angústia que determinara a procura de uma intervenção clínica. Mas, sobre isso, ela não dava conta de falar na sessão, apenas falou depois ao telefone: “Ah... antes que eu me esqueça de te contar, ele tem medo da morte, medo de morrer”.

Desde o nosso primeiro encontro, o rapaz fez questão de enfatizar que era uma pessoa normal e que não precisava nem de terapia e nem de análise, acrescentando que o único colega que ele sabia que ia ao psicólogo detestava e, portanto, ele também iria detestar. Durante o primeiro mês dos atendimentos, para vencer a resistência inicial, que se manifestava todo o tempo da sessão em queixumes de revolta por ter de frequentar a terapia, ao invés de estabelecer um contrato de trabalho analítico, tive de arriscar um pacto: “Para que você saiba como é uma terapia, precisa experimentar. Então eu te proponho que venha três vezes por semana, durante dois meses e, se acaso, depois desse tempo, você continuar detestando, eu prometo que serei a primeira a tentar te ajudar a convencer seus pais de que você não deve fazer terapia”. Ele, animadamente, aceitou o risco e deu início ao processo nos moldes em que imaginava: ordenando a livre associação à analista! Ele sabia muito bem que



era assim, pois tinha visto em um filme: como psicóloga, eu tinha de facilitar tudo para ele, fazer perguntas, uma atrás da outra, dar conselhos, afinal, “estava sendo paga para isto!”. Além de exigir, de forma autoritária, que eu assim o fizesse, para minha surpresa, sem que eu pedisse, passou a deitar-se no divã. Aliás, deitar não, mergulhar, e por lá ficar de bruços, com as mãos no queixo, me encarando bem de perto – posição que me deixava completamente constrangida. Mas, em meio à pressão, eu disfarçava e fazia uma pergunta ou ponderação aqui e acolá.

Enfatizando que estava sendo forçado a ir à terapia, e que eu tinha de mostrar serviço, ele, aos poucos, começou a contar alguns casos de sua escola, sem, no entanto, jamais citar nomes dos colegas – estratégia que criava uma verdadeira confusão na compreensão de seu discurso: “aquela menina que outro dia estava de blusa listrada... que senta ao lado do menino... que usa boné o tempo todo... e que fica sempre conversando com aquele outro que tem a franja caída no olho, o que eu vi lá na praia no ano passado, não, não é aquele que te falei que foi pescar, é o outro que já sentou do meu lado...”. Essa narrativa constante, acelerada como a de um locutor futebolístico, acabava me deixando zozona, pois exigia uma atenção acima do normal para que eu pudesse estabelecer as conexões dos signos com os personagens de suas histórias. Acreditava eu que esse estilo narrativo apenas evidenciava que ele ainda não havia estabelecido um vínculo de confiança, a ponto de permitir-se anunciar os nomes daqueles a quem estava se referindo.

No entanto, para minha surpresa, a fantasia que subjazia por detrás da sua narrativa esdrúxula somente veio à tona através de uma atuação: no intervalo entre uma sessão e outra, não havendo ninguém na sala de espera, fui ao banheiro e, quando de lá voltei, ouvi uns barulho dentro da sala, e lá estava ele, escondido, em pé, folheando a minha agenda. Levei um susto e ele a protegeu de maneira que eu não conseguisse pegá-la. Contrariada, eu solicitei, com firmeza, que ele a devolvesse para o local onde estava. Pedi algumas vezes, mas, como ele parecia ensurdecido, resolvi assentar-me na poltrona e aguardar o suceder dos fatos. Em pé e com voz professoral, ele ia lendo o que nela estava escrito: “Ah... Tiago? Sei quem é... é aquele menino da 5ª. série...Luíza? Também é da sala dele... Gabriel... nossa... porque ele vem aqui só uma vez na semana? ... Felipe...” Enquanto isso, eu tentava fingir calma e solicitava, de modo enérgico, que ele me entregasse a agenda. Mas isso ele não fazia de jeito nenhum, continuando a folhear de um lado para o outro, associando, ininterruptamente, todos os nomes que nela constavam com colegas de sua escola. A minha irritação por pouco não me levou a “voar” na direção dele e arrancar-lhe a agenda. E, se não o fiz, talvez tenha sido porque havia o risco de um embate corporal. Durante esse tempo, que pareceu uma eternidade, eu me sentia tão desrespeitada que devia estar com o mesmo olhar de ódio que ele me dirigia quando, às vezes, diante de um longo silêncio em outras sessões, eu lhe perguntava em que estava pensando. E ele, de modo completamente ríspido, colocava, com poucas palavras, um ponto final: “Pensamento é particular! Você não sabe disso?”. Resposta que me desencorajava a fazer qualquer outra investida para puxar assunto. Mas, naquele momento, eu é quem tinha a minha privacidade invadida e, enquanto tentava controlar a minha irritação, consegui balbuciar outras palavras: “Ah... agora entendi por que você não revela os nomes dos seus colegas... porque pensa que todos são meus clientes e que eu, não sendo confiável, poderia contar a eles tudo o que você diz...” O garoto, então, imediatamente, colocou a agenda sobre a mesa e caminhou em minha direção, questionando o motivo de alguns colegas terem apenas duas sessões por semana, enquanto ele, que era normal, tinha de comparecer três vezes por

semana. Vemos aqui não só quão inabalável eram as suas certezas, como, também, o seu grande temor de que na verdade ele pudesse não ser normal.

Embora a certeza exasperadora de que todos os nomes da agenda eram de colegas abrisse a possibilidade de ser uma manifestação de alguma organização psíquica *borderline*, eu entendi, na ocasião, que essa couraça impenetrável era apenas o escudo de um funcionamento obsessivo enrijecido ao máximo – o que não deixava de estar na circunvizinhança desse outro diagnóstico. Mas era possível notar a relação existente entre o temor de um descontrole pulsional, e as defesas radicais de que lançava mão para tentar controlar o imponderável. O melhor exemplo disso, era a sua prática rotineira de ficar em casa jogando tarô para tentar controlar a carta da morte, ou, ainda, as cenas compulsivas de sua análise em que dava vazão à sua angústia diante da morte, e que passaremos a descrever.

Durante uma longa temporada, suas sessões eram mescladas de silêncios e perguntas feitas à exaustão: “Quantas horas são? Quantas horas são? Quantas horas são? Quantas horas são?” Eu às vezes respondia... e ele, sem acreditar que eu lhe informava corretamente a hora, avançava em meu pulso para certificar-se da exatidão dos minutos. A ansiedade contida nessas perguntas devia-se ao fato de que ele precisava ir embora, antes mesmo que eu dissesse que o nosso tempo havia acabado. Ele é quem deveria encerrar a sessão. O sentido de tal comportamento, claramente, vinculava-se ao temor de ser pego de surpresa: pelo fim da sessão ou pelo fim da vida?

Sua fantasia inconsciente de querer ser *Chronos* (o deus das horas), era encenada das mais diversas maneiras: quer apostando corrida com o irmão caçula nos elevadores do meu prédio, para ver quem chegava primeiro ao meu andar; ou, ainda, testando a minha sincronicidade com o seu tempo: ordenando que eu abrisse a porta do consultório exatamente no momento em que ele saísse do elevador. Quando ele finalmente aceitou usar um relógio (por recusar-se a isso, vivia chegando atrasado nos compromissos escolares), parou de me perguntar as horas, passando, em compensação, a segurá-lo nas mãos, olhando fixamente o andar dos ponteiros durante toda a sessão. Nessa época, já se permitia virar no divã, de barriga para cima, sem me ver, mas, ao invés de ficar mais relaxado, o ritual era acompanhado por movimentos corporais em que, com as pernas enrijecidas no ar, ele já se postava na posição física para a arrancada triunfante de dentro da sala.

Já era tempo de arriscar algumas interpretações mais ousadas, mesmo sabendo que poderiam custar caro, pois, a cada vez que as minhas intervenções eram pertinentes, elas provocavam nele reações adversas e inesperadas, que iam de silêncios paralisantes a saídas abruptas do consultório. Eu, pagava esse preço muitas vezes. Um exemplo disso, foi quando ele, quase um ano depois, começou a me culpar por não tê-lo lembrado do nosso pacto inicial, e ter deixado ele continuar na terapia. Eu, então, brincando, disse: “Ué... a obrigação de lembrar era sua, você é que estava detestando a terapia!” Ele, furioso, respondeu: “É! Mas agora não tem mais jeito! Meu pai e minha mãe cada vez querem mais que eu fique aqui! E eu venho porque senão eles vão ficar falando sem parar... ideia de adulto não tem nada a ver com criança!” Ao que eu lhe perguntei: “E... cadê a criança?” Ele, rindo sem graça, falou bem baixinho: “Sou eu... Eu não queria crescer. Queria ficar com 10 anos... Podia ser com 11... até com 14 anos mesmo!” Aí ele foi dizendo que havia muita vantagem em ser criança, passando a enumerá-las. Foi então que eu lhe disse que, infelizmente, seu corpo não estava colaborando nem um pouco com essa sua vontade de não crescer, pois estava se tornando um corpo de homem. Ele, com ódio fulminante do meu comentário, apelou e disse que não queria crescer para não envelhecer, porque, senão, iria morrer. “Eu vou viver mais uns 50 anos e aí vou ser

congelado. E vou sendo descongelado de 300 em 300 anos. E nem importo se quando eu for descongelado tudo tiver mudado e meus parentes e amigos estiverem mortos. O que eu quero é ter vida eterna!” E quando eu questionei para que desejava isso, ele reafirmou: “Para não ter que morrer nunca... só morrer se eu tiver certeza de que há vida depois da morte”.

Sua angústia diante dessa temática foi se reapresentando de inúmeras maneiras: ora através dos casos em que contava suas brincadeiras de tarô, em que sempre se assustava com a carta da mudança ou da morte; ora, presentificada em episódios sinistros como o que se segue. Entrou na sala, cabisbaixo, sentou-se na poltrona em frente a mim e soltou: “Tô de saco cheio de falar!” Ficamos em silêncio e ele perguntou: “Esta sala dá eco?” E, antes mesmo que eu respondesse qualquer coisa, ele retirou do bolso um pequeno revólver preto e o colocou no ouvido. Eu fiquei paralisada, em silêncio, olhando bem em seus olhos e sem nada dizer. Ele também não se mexia. Após uns dez minutos, mais ou menos, ele puxou o gatilho, mas atirou na direção da sala de crianças. Era um revólver de espoletas, e após o estouro, ele pode me perguntar sorrindo: “Você sabe jogar Roleta Russa?” Percebendo que eu estava assustada com a arma, esclareceu: “Peguei escondido do meu irmão e vou gastar todas as espoletas”. Respirei um pouco aliviada, mas ainda receosa diante daquele objeto – uma perfeita réplica de uma arma verdadeira. Contou que viu em um filme uns caras apostando: deixavam algumas balas no tambor do revólver, rodavam o revólver e na direção de quem ele parasse, o cara tinha de colocar o revólver no ouvido e apertar o gatilho – sem saber se havia bala ou não naquele lugar. “Vamos brincar de Roleta Russa?” No jogo só ele atirava, e eu tinha que arriscar um palpite: se ia ou não estourar uma espoleta. Por cinco vezes eu apostei que não, e acertei. Os tiros eram dados na direção da sala de crianças. O sexto tiro novamente funcionou. Ele parou com a brincadeira porque queria guardar 2 espoletas (as últimas) para brincar com a mãe. Contou que ela nunca havia deixado ele ter revólver ou espingarda de espoletas, com medo de que ele machucasse os irmãos. Somente quando a cena acabou, e ele guardou a arma no bolso, foi que eu, ainda impactada, consegui iniciar um diálogo: “É... é um jogo muito perigoso, um jogo em que se aposta a vida! É um suicídio mais ou menos induzido. Você teria coragem?” Ele retrucou, veementemente: “Não! Só se eu tivesse certeza de que a gente vive novamente depois que morre. Eu queria viver 500 anos... queria ter uma poção mágica para começar a beber com 25 anos, não 22, não 23 anos, para não envelhecer!” Eu tentei dar sequência, perguntando pelo acidente que sofrera, mas ele desconversou, contou outras aventuras e ficou tão relaxado que passamos do horário de encerramento da sessão. Mas eu consegui dizer-lhe algo que muito o afetou: “Você fica querendo viver 300...500 anos, mas na verdade tem medo de não viver nem 20, por causa do seu jeito impulsivo.”

Assim, ao longo de dois anos de análise, eu acompanhei as peripécias desse adolescente, um verdadeiro *White Rabbit* da obra literária produzida por Lewis Carroll no livro *As aventuras de Alice no país das maravilhas*. Sempre apressado e atrasado (não se sabe bem para quê), o coelho branco e seu relógio aparecem na história como que a simbolizar o tempo (rígido e exigente), repetindo sem parar: “É tarde! É tarde! É tarde até que arde! Ai, ai, meu Deus! Alô, adeus! É tarde, é tarde, é tarde! “Ai! Ai! Ai! Vou chegar atrasado demais!”. E, passo a passo, sessão por sessão, pudemos ir nos aproximando de uma pergunta que não queria calar: “Você sabe por que o coelho branco corre tanto? Para que ele está atrasado?” Um dia, finalmente, ele conseguiu responder: “Ele corre tanto, porque está atrasado para o encontro com a Rainha de Copas, que vai cortar a cabeça dele!”

Estava colocada em cena a representação que lhe permitiria ressignificar os grandes momentos traumáticos de sua vida e que marcaram o fim da ingenuidade de sua infância: aos

dez anos de idade, seus pais que tanto se amavam, abruptamente, se divorciaram. Faltou-lhe o chão e ele rendeu-se à morte – caindo, metaforicamente, no enorme buraco negro de Alice. Daí em diante, foram possíveis outras leituras do misterioso acidente que o levava ao estado de coma aos dez anos de idade. Mas, foi apenas em sua última sessão de análise quando, na presença da mãe, ele pode recordar-se de sua dor mais antiga, jogando-lhe na cara porque ele sabia que ela não o amava: quando tinha três anos de idade, ela trancou toda a casa à noite para irem dormir e nem se deu conta de que ele havia ficado do lado de fora, no quintal. Nesse hiato de tempo, todo o seu precário narcisismo se desfez.

Todos os indícios confirmam que essas crianças registraram bem os sinais conscientes e inconscientes de aversão ou de impaciência da mãe, e que sua vontade de viver viu-se desde então quebrada. Os menores acontecimentos, no decorrer da vida posterior, eram bastante para suscitar nelas a vontade de morrer, mesmo que fosse compensada por uma forte tensão da vontade. Pessimismo moral e filosófico, ceticismo e desconfiança, tornaram-se os traços de caráter mais salientes desses indivíduos. Podia-se então falar também de nostalgia, apenas velada, da ternura (passiva), inapetência para o trabalho, incapacidade para sustentar um esforço prolongado, portanto, um certo grau de infantilismo emocional, naturalmente, não sem algumas tentativas de consolidação forçada do caráter. (Ferenczi, 1929/2011, p. 57)

Enquanto mãe e filho choravam, instaurando um novo recomeço de relação, eu me dei conta de que aquela cena representava o eco dos primeiros tempos traumáticos, sintetizando, ricamente, todo o drama da sua experiência de abandono, responsável por sua extrema sensibilidade à rejeição: era isso que estava rerepresentado na transferência quando ele exigia que eu abrisse a porta do consultório tão logo ele chegasse ou, ainda, que eu não encerrasse a sessão e o mandasse para fora da sala. Talvez... até mesmo quando simulou o suicídio, diante de meus olhos, em um derradeiro e desesperado pedido de amor, quisesse que eu lutasse para impedi-lo de morrer. Mas o meu pânico diante da possibilidade de o revólver ser de verdade só me deixou sustentar em silêncio e com calafrios a sombra da morte que se postava, enigmática, em meio à nossa relação. Havia mesmo um encontro marcado com a Rainha de Copas! E foi somente depois dessa última sessão que pude, enfim, admitir para mim mesma, quase em tom de perdão, que tinha valido a pena ter sustentado, por nós dois, o desejo que moveu aquela análise.

## **Peguei para mim**

As atuações desse adolescente, ao longo do seu processo analítico, foram infundáveis e tiveram intensidade suficiente para gerar na analista uma atitude mental (à sua entrada no consultório), semelhante à dos nadadores profissionais que, em respeito à força das águas, fazem o sinal da cruz antes de se atirarem ao mar. Apesar da densidade dos afetos em que fomos mergulhando, ainda hoje, às vezes, me pego rindo das situações e dos apertos por que passei naquele processo analítico, que teve cenas de ressentimento e provocação que mais se pareciam com as do enredo de um filme como *Relatos Selvagens*<sup>9</sup>, com todo o fino requinte de humor negro e ironia<sup>10</sup>. Suas atuações compulsivas, dentro do *setting* analítico,

---

<sup>9</sup> Película argentina lançada no Festival de Cannes 2014, dirigida por Damián Szifron e estrelado por Ricardo Darín.

<sup>10</sup> Mas, se serve de consolo, esse material clínico proporcionou-me uma interessante baliza, que me levou, constantemente, a exercitar manobras de flexibilização de posturas técnicas que foram fundamentais não apenas na clínica, mas também

mobilizavam contratransferências tão fortes que eu chegava a desejar que ele desaparecesse! Não apenas da minha frente, mas, da superfície da terra! No entanto, o tempo me mostrou que ter suportado o ódio e a impotência que transbordavam do mundo interno daquele adolescente e encharcavam o meu psiquismo, foi a condição *princeps* para que ele voltasse a confiar nos adultos e aceitasse se encaminhar para ser um deles. Passadas bem mais de duas décadas, posso ainda olhar para essa análise e agradecer por tudo que com ela aprendi, inclusive, que todo analista precisa mesmo ter flexibilidade mental suficiente para se autorizar a conduzir as rédeas do tratamento de acordo com a singularidade de cada sujeito. Só me resta então ecoar: “Não sou menos grato a esses pacientes que me ensinaram termos uma tendência excessiva a perseverar em certas construções teóricas e a deixar de lado fatos que abalariam a nossa segurança e a nossa autoridade” (Ferenczi, 1932/2011, p. 115)

Sabemos que embora a psicanálise se pretenda universalizante, ela só se realiza no singular de cada caso, e Ferenczi foi o discípulo que mais levou a sério a recomendação freudiana de que um conjunto de regras apriorísticas não poderia correr o risco de tornar a prática analítica estática, afinal, a técnica padrão tendia a reproduzir experiências traumáticas de abandono, sendo efetivamente contraindicada em muitos casos. Esse que acabamos de apresentar, com certeza, seria um deles. É por isso mesmo que nosso querido autor recomendava que ao olhar pela primeira vez o “estranho” que entra no consultório, o analista deve deixar-se afetar e ser livre para “oferecer sua presença pulsional e afetiva de modo a proporcionar, àqueles que foram ‘hóspedes não bem-vindos na família’, o acolhimento necessário à experiência vital de constituição de si e ao ludismo criador, talvez pela primeira vez em suas vidas”. (Kupermann, 2009, p.48). Este é o campo mais delicado do manejo clínico ferencziano: conseguir estabelecer o ponto de encontro de linguagens na comunicação, afinal, como bem disse Adélia Prado, em seu poema *Ensino*: “Minha mãe achava estudo a coisa mais fina do mundo. Não é. A coisa mais fina do mundo é o sentimento” (Prado, 2015, p. 87).

## Referências

- Cassorla, R. M. S. (1997). No emaranhado de identificações projetivas cruzadas com adolescentes e seus pais. *Revista Brasileira de Psicanálise*, 31 (3), 639-676.
- Cintra, E. M. U. (2006). Adolescência prolongada. In M. R. Cardoso (Org.), *Adolescentes* (1ª ed, pp. 46-61). São Paulo: Ed. Escuta.
- Ferenczi, S. (2011). A técnica psicanalítica. In S. Ferenczi, *Obras Completas: Psicanálise II*. (Álvaro Cabral, 2ª ed., Vol. 2, pp. 407-419) São Paulo: Editora WMF Martins Fontes. (Trabalho originalmente publicado em 1918).
- Ferenczi, S. (2011) Elasticidade da técnica psicanalítica. In S. Ferenczi, *Obras Completas: Psicanálise IV*. (Álvaro Cabral, 2ª ed., Vol. 4, pp. 29-42) São Paulo: Editora WMF Martins Fontes. (Trabalho originalmente publicado em 1927-28).
- Ferenczi, S. (2011) A criança mal acolhida e sua pulsão de morte. In S. Ferenczi, *Obras Completas: Psicanálise IV*. (Álvaro Cabral, 2ª ed., Vol. 4, pp. 55-60) São Paulo: Editora WMF Martins Fontes. (Trabalho originalmente publicado em 1929).

---

na maneira com que orientei as supervisões a jovens alunos universitários. Inúmeros foram os cursos que ministrei sobre “Psicanálise de adolescentes” e que tiveram os textos do conteúdo programático selecionados a partir dos impasses que essa análise demarcou. Enfim, tratava-se mesmo de um caso paradigmático, que se prestava a uma bela função didática, pois gerava discussões enriquecedoras e inspirava a escrita dos alunos.

- Ferenczi, S. (2011) Confusão de Línguas entre adultos e crianças. In S. Ferenczi, *Obras Completas: Psicanálise IV*. (Álvaro Cabral, 2ª ed., Vol. 4, pp. 111-135) São Paulo: Editora WMF Martins Fontes. (Trabalho originalmente publicado em 1932).
- França, C. P. (2000). Ele não quer? Nem eu! *Revista Latinoamericana de Psicopatologia Fundamental*, 3 (43), 146-152. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/rlpf/v4n3/1415-4714-rlpf-4-3-0116.pdf>. (Acesso em 20/05/2019)
- França, C. P. & Matos, D. P. (2014). O *non sense* de algumas mães: ressonâncias das ansiedades arcaicas. In C. P. França (org.), *Tramas da perversão: a violência sexual intrafamiliar* (pp. 179-190). São Paulo: Ed. Escuta.
- Freud, S. (1980). Luto e melancolia. In S. Freud, *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud* (J. Salomão, trad., 1ª Ed., Vol. 14, pp. 245-263). Rio de Janeiro: Imago. (Trabalho originalmente publicado em 1917).
- Freud, S. (1980). Conferência XXXIV: Explicações, Aplicações e Orientações. In S. Freud, *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud* (J. Salomão, trad., 1ª ed., Vol. 22, pp. 135-154). Rio de Janeiro: Imago. (Trabalho originalmente publicado em 1932).
- Fuks, B. (1992) Uma ferida narcísica: as instituições psicanalíticas e suas formações sintomáticas. In Comaru, M. & Maya, M. C. (org.), *Neurose Obsessiva* (pp. 25-48). Rio de Janeiro: Letter.
- Kahtuni, H. C. & Sanches, G. P. (2009). *Dicionário do pensamento de Sándor Ferenczi: uma contribuição à clínica psicanalítica contemporânea*. Rio de Janeiro: Elsevier; São Paulo: FAPESP.
- Kupermann, D. (1999). Da institucionalização do mal-estar ao mau humor instituído. *Revista Psychê*, 3 (3), 49-62.
- Kupermann, D. (2009). Princípios para uma ética do cuidado. In *Coleção Memória da Psicanálise: Sándor Ferenczi*, 3, 44-51.
- Mendes, A. P. N. & França, C. P. (2010). Adolescência: violência sexual e identificação com o agressor. In C. P. França (Org.), *Perversão: as engrenagens da violência sexual infanto-juvenil* (pp. 175-182). Rio de Janeiro: Imago Editora.
- Minerbo, M. (2006). Espaço e objetos transicionais na análise de adolescentes borderline. In M. R. Cardoso (Org.), *Adolescentes* (1ª ed., pp. 89-107). São Paulo: Ed. Escuta.
- Oliveira, P. & Bocchi, J. (2009). O retorno de Ferenczi. In *Coleção Memória da Psicanálise: Sándor Ferenczi*, 3, 16-21.
- Pinheiro, T. (2001). Narcisismo, sexualidade e morte. In M. R. Cardoso (Org.), *Adolescência: reflexões psicanalíticas* (2ª ed., pp. 69-79). Rio de Janeiro: FAPERJ/NAU.
- Prado, A. (2015). Ensino. In A. Prado, *Poesia reunida* (2ª ed., p. 87). São Paulo: Siciliano. (Trabalho originalmente publicado em 1986).

Recebido em maio/2019 – Aceito em agosto/2019.